

NARRATIVAS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES FORMATIVAS E INVESTIGATIVAS

Maria do Rosário de Fátima Vieira da Silva¹
UFPI/fatimasilva.1@hotmail.com

Maria Lemos da Costa²
UFPI/marialc08@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho objetiva discutir sobre uso da narrativa na pesquisa em educação, refletindo sobre seu papel enquanto instrumento de formação e investigação no contexto educacional. Trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfica, onde dialogamos com autores que discutem a utilização das narrativas na pesquisa em educação, os quais terão contato com suas idéias no decorrer do texto. A abordagem conceitual apresentada neste artigo converge para a idéia central de que as narrativas possuem uma dupla vertente, já que os docentes ao narrarem suas experiências compreendem a si próprios e aos outros, caracterizando-se como uma estratégia emancipadora de tomada de consciência e formação. Por outro lado possibilita ao professor investigar sua própria prática e produzir seus saberes.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativa. Investigação. Formação. História de vida

ABSTRACT

The aim of this work is to discuss the use of narratives in Educational researches, considering its role as an instrument of training and investigation in the educational context. It is a bibliographical research in which we dialogue with authors who study the use of narratives in educational researches and whose ideas will be presented throughout the text. The conceptual approach presented in this article highlights the main idea that the narratives have a double approach, as the teachers, while narrate their experiences, understand themselves and the others, characterizing it as an emancipator strategy of awareness and training. On the other hand, it enables the teacher to investigate his own practice and to produce knowledge.

¹ Mestranda da 18ª turma do programa de pós-graduação em Educação (PPGED), professora da rede estadual e particular de ensino de Parnaíba.

² Mestranda da 18ª turma do programa de pós-graduação em Educação (PPGED), professora da rede estadual e municipal de Teresina .

KEY WORDS: Narrative. Investigation. Training. Life history
A GUIA DE APRESENTAÇÃO

As pesquisas em educação na atual conjuntura apontam para a necessidade dos processos formativos extrapolarem sua dimensão técnica e assumirem uma proporção de ressignificação da prática docente, onde os professores passem a condição de sujeitos da investigação e não mais de mero objeto. Assim, a utilização da pesquisa narrativa no contexto educacional constitui-se de grande relevância, pois privilegia a participação ativa dos docentes no processo de investigação e formação. Sobre isso Souza (2006, p. 26) postula:

[...] configura-se como investigação porque se vincula à produção de conhecimentos experienciais dos sujeitos adultos em formação. Por outro lado, é formação porque parte do princípio de que o sujeito toma consciência de si e de suas aprendizagens experienciais quando vive, simultaneamente, os papéis de ator e investigador da sua própria história.

Dialogando com o pensamento de Souza, percebemos que por meio da adoção do trabalho com narrativas pode-se proporcionar ao professor um processo de reflexividade, a partir de uma escuta, valorizando sua subjetividade. Centra-se numa abordagem experiencial, por partir da teoria da atividade do sujeito, que aprende a partir da sua própria história.

Dessa forma, dialogamos que teóricos que pudessem basilar nosso estudo de forma consistente, entre eles apontamos Connelly e Clandinin (1990, 1995, 2000), Cunha (1997), Souza (2006, 2008), Dominicé (1988), Josso(1988,2004) Pineau (1999), entre outras importantes referências.

No contexto da pesquisa em educação, pretendemos analisar as contribuições da narrativa na investigação e na formação de professores.

1 Narrativas: Breves Reflexões Teórico-Methodológicas

A história do ser humano é composta de fases que se estendem da infância a vida adulta. Estas etapas são constituídas de acontecimentos, experiências que nos

tornam sujeitos históricos, favorecendo uma interpretação e narração das experiências de acordo com nossas crenças e valores. Assim, as histórias que contamos desde os primórdios de nossa existência são meios que encontramos para tentar capturar e traduzir o que vivemos. Na visão de Connelly e Clandinin (1990, p.11), dois estudiosos americanos identificaram:

Os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que individual e socialmente, vivemos vidas relatadas. O estudo da narrativa, portanto, é o estudo da forma como nós, seres humanos experimentaram o mundo. Dessa idéia geral se deriva a tese de que a educação é a construção e a re-construção de histórias pessoais e sociais: tanto os professores como os alunos somos contadores de histórias e também personagens nas histórias dos demais e nas suas próprias.

Portanto, a utilização das narrativas na pesquisa em educação assume a importante função de contribuir para a tomada de consciência da trajetória pessoal e profissional seguida por cada um. Para Thomson (1997, p. 57), “[...] ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos ser no presente e o que gostaríamos de ser no futuro”. Analisando a citação concluímos que ao trabalhar questões ligadas a existencialidade dos sujeitos através da análise e interpretação das suas histórias de vida, permitindo colocar em evidencia a fragilidade e mobilidade das varias identidades construída na nossa trajetória em quanto ser humano.

Porém, não devemos confundir o simples fato de relatar um acontecimento como um método ou técnica de pesquisa em educação. Não se trata apenas de narrar sua trajetória, mas analisar suas interconexões, tessituras com o contexto, sua maneira de assimilar as experiências, de refletir sobre seus significados. Isso necessita de um método, critérios, criticidade, dialogismo que levam a uma reflexão e des(re)construção de significados. Diante do exposto, é preciso que se compreendam algumas questões. Sobre isso Moraes (2000, p.81) evidencia que:

A narrativa não é um simples narrar de acontecimentos, ela permite uma tomada reflexiva, identificando fatos que foram, realmente, constitutivos da própria formação. Partilhar histórias de vida permite a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso compreendendo o sentido do mesmo entendendo as nuances desse caminho percorrido e reaprendendo com ele. E a quem ouve (ou lê) a narrativa permite perceber que a sua história entrecruza-se de alguma forma (ou em algum sentido/lugar) com aquela narrada (e/ou com outras); além disso, abre a possibilidade de aprender com as

experiências que constituem não somente uma história, mas o cruzamento de umas com as outras.

O trabalho com narrativas proporciona uma mediação do conhecimento de si em sua trajetória, o qual oportuniza a reflexão e um entendimento da representação de si, da sua identidade e sua utilização associada à pesquisa enquanto abordagem metodológica ou técnica esta ligada a dois momentos: a criação da Escola de Chicago inicia do século, no seio da crise do funcionalismo e positivismo e a História oral, movimento que tem sua gênese na École de Annales, França, na segunda metade do século passado, a qual defendia as fontes orais como novo instrumento de construção da História. Ainda vale ressaltar que é herança da École de Annales a ideia de que era preciso se dá vez e voz aos indivíduos que historicamente foram silenciados. Gerada nesta área do conhecimento, a narrativa migra para outras áreas, até chegar à educação, assim, as narrativas se legitimam como fontes importantíssimas na compreensão dos fenômenos humanos.

Ainda no cenário internacional, situo significativas experiências realizadas a partir da década de 1960 até a atualidade na França, Inglaterra, Suíça, Canadá, Portugal e América Latina. Merece destaque as produções de Pineau, Nóvoa, Ferrarotti, Connely e Clandinin, do grupo de Genebra: Josso, Finger e Dominicé entre outros.

No Brasil identifica-se o uso das narrativas no campo da educação no início dos anos de 1990 por meio do uso do método autobiográfico e das narrativas de formação. Elencamos os trabalhos desenvolvidos pelo Grupo de Estudo sobre Docência Memória e Gênero – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP, coordenado por Catani, Souza, Bueno e Sousa, se expandindo posteriormente para outros estados do Brasil.

Avançando a discussão, apresentamos o conceito de narrativa no contexto da pesquisa em educação, explicitando a visão de vários autores que trabalham com a temática. Na concepção de Bolívar (1997, p. 2) é “contar as próprias vivências e ler, no sentido de interpretar, ditos, feitos e ações a luz das histórias dos atores”.

Connely e Clandinin (1990) abordam que a narrativa pode ser definida como o estudo das varias maneiras como os indivíduos experimentam o mundo. Nesta perspectiva, observa-se uma valorização das experiências vivenciadas pelos sujeitos e sua subjetividade.

Bruner (1997) explicita que a narrativa pode ser considerada um modo de pensamento, tendo em vista que ela surge como um princípio organizador da experiência do homem no mundo social, do seu conhecimento sobre ele e das trocas estabelecidas.

Para Fiorentini e Miorim (2006, p.29), as narrativas:

[...] representam um modo bastante fecundo e apropriado dos professores produzirem e comunicarem significados e saberes ligados à experiência. (...) fazem menção a um determinado tempo (trama) e lugar (cenário), onde o professor é autor, narrador e protagonista principal. São histórias humanas que atribuem sentido, importância e propósito às práticas e resultam da interpretação de quem está falando ou escrevendo. Essas interpretações e significações estão estreitamente ligadas as suas experiências passadas, atuais e futuras.

A defesa para o uso da narrativa de formação reside na possibilidade de reflexão que está implícita nesta ação, pois na medida em que o professor explicita o caminho percorrido ao longo de sua trajetória, exige auto-análise, uma tomada de consciência que ajuda na compreensão da sua prática e proporciona novas aprendizagens. Potencializa no docente um contato com sua singularidade, favorece um mergulho no seu interior, proporcionando um conhecimento de si.

Uma das principais fortalezas das narrativas como método de investigação-formação é que os professores são considerados sujeitos da investigação e não apenas objetos. Abandonam a condição de depósitos dos conhecimentos produzidos pelos pesquisadores profissionais para se tornarem organizadores e construtores de novos conhecimentos a partir de suas experiências de vida.

A sistematização da classificação da narrativa aqui apresentada esta baseada nos trabalhos de Pineau (1999), assim a partir da terminologia utilizada por este estudioso, podemos evidenciar as categorias: biografia, autobiografia e histórias de vida. Na visão do autor, biografia pode ser definida como uma escrita da trajetória de vida do outro, identifica-se um certo distanciamento entre o partícipe e o pesquisador, objetivando a construção de um conhecimento objetivo. A autobiografia esta associada a escrita de si, da sua própria trajetória, oposta a biografia, pois coloca o sujeito numa situação de ator e autor de suas experiências, não há mediação de outros como na produção da biografia, centram-se na singularidade e subjetividade dos envolvidos. A abordagem biográfica e autobiográfica são tomadas como narrativas de

formação, por possuírem características de processo formativo e autoformativo dos atores envolvidos.

No que concerne a utilização da expressão história de vida podemos associá-la, segundo o autor mencionado acima a formação e investigação a autocompreensão da pessoa que somos, das aprendizagens vivenciadas e internalizadas em toda nossa trajetória.

Os estudos com as narrativas estas são alicerçadas nas experiências de vidas, Souza (2006 p. 23) afirma que “nas áreas das ciências sociais as pesquisas com história de vida tem utilizado terminologias diferentes [...]” embora a história de vida tenha sido nas pesquisas na área da educação, mas especificadamente como método autobiográfico, compreendida como pesquisa narrativa ou história de vida. Salienta ainda, que a abordagem biográfica, a partir do trabalho com as histórias de vida ou com as biografias educativas, desvela-se como uma construção do conhecimento. É importante ressaltar que a abordagem biográfica e a história de vida revelam um movimento no processo de formação tendo com centro as vivências experienciadas ao longo da vida.

2 As Múltiplas Faces da Narrativa: Investigação e Formação

As narrativas através das histórias de vida tem apresentado contribuições no âmbito da investigação e formação de professor, visto que permite um mergulho no interior do sujeito, e assim, configura-se como um processo de conhecimento. Nessa abordagem, importante considerar, segundo Souza (2006, p. 23) “nas pesquisas na área da educação adota-se a história de vida, mas especificadamente, o método autobiográfico e as narrativas de formação como movimento de investigação-formação [...]”. Assim, na formação docente, as histórias de vida implicam em uma alternativa para a reflexão, pois ao serem narradas, constitui-se como uma singularidade do percurso formativo, sendo que esta acontece através de processos que Josso (1998) chama de maturação e rememoração, que ao rememorar as narrativas, busca uma maturação que tem lugar no processo de reflexão. Nessa construção, o sujeito quando narra sua história de vida é ao mesmo tempo ator e autor na construção do conhecimento.

As histórias de vida como metodologia de pesquisa que envolve as narrativas, abrem potencialidades para uma auto-formação, pois possibilita um investimento na dimensão pessoal do professor, na sua dimensão profissional e também no contexto organizacional, a partir das experiências que construíram em aprendizagem através de uma reflexão ao longo da vida. É uma metodologia que dar voz ao saber experiencial do professor, ao vivido. Sobre isso Souza (2006, p.27) pontua:

A utilização do termo história de vida corresponde a uma denominação genérica em formação e em investigação, visto que se revela como pertinente para a auto compreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos sujeitos significativos que mobilizam e tecem a nossa vida individual/coletiva.

Dessa forma, as histórias de vida como metodologia de investigação e formação, buscam uma forma instrutiva e elevada de compreender as conexões entre as experiências que cada um vive ou viveu, possibilitam a reflexão da própria trajetória profissional, contribuindo para uma possível transformação da prática docente, pois permite compreender o processo de conhecimento e formação ao longo da vida.

Josso (2004, p. 156), discute sobre o novo paradigma que flui da prática das histórias de vida em formação que se desvela buscando uma consciência reunificada de nós mesmos, que envolve o contexto individual e coletivo, e desloca-se para uma “[...] posição metadisciplinar na qual a busca de um “saber-viver”, ou a procura de uma sabedoria, tenta uma reintegração operante dos conhecimentos no seio da nossa existencialidade”.

Nesse enfoque, as pesquisas com as histórias de vidas permitem uma aprendizagem, experiencial e formação que tem alicerce na prática e se integram num saber-fazer através das relações comigo mesmo e com os outros. A aprendizagem experiencial emerge através das narrativas em formação que são ancoradas nas experiências adquiridas ao longo da vida, no vivido e experienciado.

Objetiva compreender os aspectos sociais e culturais vividos pelos sujeitos em variados contextos, contribuindo para a construção do processo de aprendizagem e conhecimento.

A interpretação e a identificação pelo próprio sujeito através desse mergulho no seu eu, é um aspecto singular das histórias de vida, Dessa forma, as mesmas são relevantes nas pesquisas, pois, permite dar voz aos professores, são estes que decidem o

que dizer da sua história, da experiência, dos percursos da sua vida, no entanto, é importante atentar para diferença entre história de vida e depoimento.

Souza (2006 p. 29) discute sobre:

Na história de vida, diferente do depoimento quem decide o que deve fazer ou não ser contado é o ator, a partir da narrativa da sua vida, não exercendo papel importante a cronologia dos acontecimentos e sim o percurso vivido pelo mesmo. Ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o dizível da sua história, subjetividade e os percursos da sua vida.

Percebemos a importância do percurso vivido pelo sujeito, nesta perspectiva o investigador não determina o que pode ser dito, mas o participante seleciona aquilo que considera relevante narrar sobre sua história, refletindo sobre a experiência vivenciada. Josso (2004) corroborando com o autor ressaltam que uma das dimensões da história de vida reside na construção de um auto-retrato dinâmico por meio das várias identidades que norteiam as ações dos sujeitos, que busca evidenciar as posições existenciais que os mesmos adotam no percurso da sua vida. Esses aspectos fomentam as pesquisas com as histórias de vidas, pois, o instrumento principal nessa abordagem é a voz do sujeito pesquisado, que possibilita uma investigação, uma reflexão e formação. Dessa forma é possível um reencontro do eu comigo mesmo e com outros, com o mundo, as dobras do cotidiano se desvelam e assume a história em diversos ambientes como sujeito da investigação.

Nesse diálogo na relação do eu com o mundo e com a teoria no processo da formação conhecimento, mas reflexivo e crítico que alia o senso comum, a prática do dia-a-dia ao conhecimento científico. Na investigação com as histórias de vida é possível fazer esse confronto entre teoria e prática, visto que, através desta é possível conhecer uma trajetória de formação. Josso (2004, p. 64) evidencia o processo de rememoração, “[...] reúne as recordações à escola de uma vida, apresenta-se como uma tentativa de articular as experiências contadas e é feito, principalmente, sob o ângulo do percurso de formação ao longo da vida e da sua dinâmica”.

A defesa pela utilização das narrativas através das histórias de vidas é o processo de reflexão, que segundo Galvão (1995) proporciona ao professor uma reflexão pedagógica, que permite ao mesmo ao narrar sua história de uma determinada situação compreender causas e conseqüências de sua atuação, possibilita criar novas estratégias num processo de reflexão, investigação e nova reflexão. Portanto, verifica-

se que a reflexão no contexto da investigação com as histórias de vida vislumbra uma auto-formação, realçando uma outra dimensão formar a partir das reflexões das experiências. Essa reflexão permite a construção do conhecimento sobre si, sobre os outros e o seu cotidiano, “o qual se revela através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes, ao narrar com profundidade” (SOUZA, 2006, p. 36). Compreende-se que a pesquisa com as histórias de vida configura-se como uma construção de conhecimento.

A construção do conhecimento alicerçado nas experiências evidencia a importância das pesquisas com as narrativas, no tocante ao método “(auto) biográfico”, como Nóvoa (2000) utiliza para destacar o duplo sentido, investigação e formação.

As pesquisas com as histórias de vida trazem importantes contribuições em seu desenvolvimento contemplando a investigação, reflexão e a formação, ressaltando que a formação abrange três dimensões que o indivíduo está imerso: a pessoal, a profissional e o contexto organizacional que implicam nas relações sociais que são vivenciados e experienciados ao longo da vida.

3 Perspectivas Metodológicas: Potencialidades e Limitações das Narrativas

A narrativa na pesquisa em educação tem sido utilizada como forma de acesso e reconstrução das vivências experienciadas objetivando contribuir para a formação de professores, através da escuta da voz do professor, as histórias narradas constitui elemento primordial nessa construção. Nessa perspectiva dialogando com o pensamento de Josso (2004) esclarece que o caminho proposto pela metodologia das histórias de vida no percurso da formação e a narrativa, vislumbrar a singularidade, a subjetividade o caráter processual da formação e vida, e ainda possibilita articular espaço, tempos e as diferentes dimensões que envolvem o eu pessoal e profissional.

A ênfase na narrativa enquanto processo de investigação e formação é bastante significativa, porém, neste contexto também surgem as críticas em relação à construção e análises dos dados na pesquisa com narrativas, assim, as limitações para alguns críticos, residem na autenticidade da narrativa dos fatos, exigindo do pesquisador um cuidado e atenção neste processo. Sobre isso Galvão (1995 p. 335) discorre:

A análise da narrativa pressupõe a exploração não só do que é dito, mas também de como é dito. Olha-se para o conteúdo e para a forma, podendo examinar-se o modo figurativo como a linguagem é usada. Metáforas analogias, semelhanças e outros tipos de imagens, fornecem indicações sobre um significado diferente do que é dito.

É relevante na pesquisa com narrativas compreender não só o pensamento verbalizado na fala dos interlocutores, a forma que este é apresentado ao narrar, bem como as mensagens ocultas. Ainda referente as limitações, Nóvoa (2000) esclarece que a utilização metodológica das narrativas com as abordagens (auto) biográficas no espaço educativo não tem sido fácil em virtude da ausência de uma teoria que forneça um suporte sólido a elaboração de novos paradigmas para a formação. Outro aspecto que o autor pondera é sobre as fragilidades conceituais da educação que evidencia a necessidade de afirmação baseada nos paradigmas científico dominantes, que de certa forma dificulta a emergência de novas perspectivas.

Nesse sentido, de acordo com o autor as narrativas com as histórias de vidas tem sido objeto de críticas principalmente das correntes da área da psicologia e da sociologia que apontam a frágil consistência metodológica, ausência da validade científica e a centralidade excessiva nos aspectos individuais.

Diante do exposto, mesmo sendo apontadas essas limitações, Nóvoa (2000, p. 19) ressalta que é inegável que as narrativas com “[...] as histórias de vidas tem dado origem a práticas e reflexões estimulantes [...]” nessa abordagem metodológica. Mesmo diante dessas fragilidades as potencialidades das narrativas têm impulsionado cada vez mais os debates e as discussões que evidenciam sua relevância no contexto da investigação e formação.

Conforme Souza (2006, p. 96):

Compreendo que as pesquisas pautadas nas narrativas de formação contribuem para a superação da racionalidade técnica como princípio único e modelo de formação. Também por que a pesquisa narrativa de formação funciona como colaborativa, na medida em que quem narra e reflete sobre sua trajetória abre possibilidades de teorização de sua própria experiência e amplia sua formação através da investigação-formação de si. Por outro lado, o pesquisador que trabalha com narrativas interroga-se sobre suas trajetórias e seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional, mediante a escuta e a leitura da narrativa do outro.

Nessa perspectiva, as narrativas (auto) biográficas das histórias de vida adotam e comportam uma variedade de fontes para a construção dos dados, sendo que, estes podem ser agrupados em duas dimensões: documentos pessoais (autobiografias, diários, cartas e outros) e entrevistas biográficas que podem ser orais e escritos.

Galvão (1995) salienta que para a construção dos dados é preciso que investigador e professores trabalhem em conjunto, estabelecendo inicialmente uma negociação, acordo, contrato do trabalho com o grupo que está envolvido. É uma pesquisa que deve considerar a reciprocidade e o entendimento dos sujeitos como parceiros no processo de investigação-formação pondera que a interação deve ser entendida como uma constante nessa abordagem biográfica e ressalta sobre a adoção de alguns critérios que são pertinentes para a pesquisa. Comungando com este pensamento, Souza (2006, P.146) afirma:

Assinatura do termo de autorização (carta de cessão); explicitação dos procedimentos de análise e de como serão utilizados as fontes na pesquisa; devolução e leitura do trabalho com o grupo e, conseqüentemente, revisão e autorização para utilização da narrativa.

Considerando os procedimentos metodológicos Nóvoa (2000) vem corroborar com os autores mencionados e enumera alguns aspectos que dizem respeito às técnicas de investigação. O autor ressalta a utilização de matérias, já existentes ou desenvolvidos de uma produção (auto) biográfica com objetivos específicos, reflexão alicerçada especificadamente em matérias escritos ou orais, existe uma interação/acordo entre o pesquisador e o pesquisado, pode basear-se em várias histórias, a produção do material pode ser individual ou em grupo e são varias as técnicas para mobilizar as histórias de vida e fazer as análises. Assim, esta variedade de perspectivas e de categorias constitui uma das principais potencialidades das abordagens (auto) biográficas.

A perspectiva metodológica que envolve a pesquisa com as narrativas no tocante as autobiografias que emergem das histórias de vida têm dado origem às práticas e reflexão que estimulam o processo de investigação e formação, revelando novas propostas neste âmbito , vislumbrando um conhecimento que seja próximo das realidades educativas e do cotidiano ao professor.

Considerações Provisórias

As discussões que foram apresentadas neste trabalho trazem um recorte sobre narrativas e pesquisa em educação, que nos levou a uma compreensão das potencialidades no contexto da investigação e formação. Com a análise a partir de um estudo de caráter bibliográfico é possível vislumbrar que as narrativas (auto) biográficas das histórias de vida possibilitam um mergulho no interior do sujeito, uma tomada de consciência e um processo de reflexão, que implica na construção do conhecimento sobre si, os outros e também sobre o meio, o qual está imerso.

O uso das narrativas tem impulsionado na área da educação a valorização das vivências experienciadas ao longo da vida, os professores são considerados ator e atores no contexto da formação e investigação. Assim compreendemos que as pesquisas que utilizam essa metodologia é norteada pela arte de narrar, de contar histórias de dar voz as experiências, constitui-se como elemento articulador para a construção de um conhecimento que esteja próximo das necessidades educativas.

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que os trabalhos que envolvem as abordagens autobiográficas revelam novos caminhos para a formação, não uma formação técnica, mas uma auto-formação, visto que, as narrativas com as histórias de vida potencializam essa construção. Portanto, nesse sentido, através do diálogo com os autores que discutem a temática, fomos levados a compreender os pressupostos das narrativas na dimensão da pesquisa em educação como impulsionadora na tomada de consciência. Nesse processo de formação e investigação implica reflexão e potencializa a singularidade e a subjetividade do sujeito em sua dimensão formativa.

Referências

- BOLÍVAR, A. **Profissão Professor: o itinerário profissional e a construção da escola**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. Tradução por Sandra Costa. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- CONNELLY, F. M. CLANDININ, J.; Stories of experience and narrative inquiry. **Educational Researcher**. Vol 19, n.5 p.2-14, 1990.
- _____. **Teachers as curriculum planners: narratives of experience**. New York: Teachers College Press, 1995.
- _____. **Narrative and story in practice and research**. New York: Teachers College Press, 2000.
- CUNHA, M. I. da. **Conta-me Agora!:** As Narrativas Como Alternativas Pedagógicas na Pesquisa e no Ensino. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v. 23, n. 1-2, jan. 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102->. Acesso em: 22 fev. 2009.
- DOMINICÉ, Pierre - A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, António e FINGER, Mathias – **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP. 1988.
- FIorentini, D; Miorim, M. A. Pesquisar & escrever também é preciso: a trajetória de um grupo de professores de matemática. In: FIORENTINI, D.; MIORIM, M. A. (Org.). **Por trás da porta, que matemática acontece?** Campinas: Graf. FE-Unicamp; Cempem, 2006 .
- GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345, 1995.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo, SP: Cortez, 2004.

_____. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A. FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Cadernos de Formação I, Lisboa: Pentaedro, 1988.

MORAES, A.A. de A. **Histórias de leitura em narrativas de professoras**: uma alternativa de formação. Manaus: Ed. Da Universidade do Amazonas, 1999/2000.

NÓVOA, António. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2000.

PINEAU, Gaston. **Experiências de Aprendizagem e história de vida**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

SOUZA, E.C.de (Org.). **Autobiografias, História de Vida e Formação**: pesquisa e ensino. Salvador/Bahia: EDUNEB - EDIPUCRS, 2006.

_____. **O conhecimento de si**: estágio e narrativas de formação de professores. Rio de Janeiro, RJ: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.

_____. **Histórias de vida e formação de professores**. São Paulo: Quartet, 2008.

THOMSON, A. **Recompondo a memória**: Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. São Paulo, v.15, p. 51-84, 1997.